

A imprensa conservadora católica e o discurso de distinção social no universo do futebol em Belo Horizonte (1931-1932)¹

Marcus Vinícius Costa Lage²

A Igreja Católica brasileira transformou sua atuação social durante os anos de 1920 e 1930 a partir da “Restauração Católica”³ que, segundo Oliveira (2010) tratou-se de um discurso político também definido pela expressão “conservadorismo católico”. Desde o pontificado de Leão XIII (1878-1908), a Santa Sé preocupava-se em “reconciliar” o catolicismo com o mundo moderno, sobretudo em função da ascensão social do cientificismo político (liberalismo e comunismo científico/materialismo histórico). Para o contexto brasileiro, a Restauração Católica se caracterizou como uma reação ao enfraquecimento político da Igreja verificado na Proclamação da República que, pela Constituição de 1891, definiu o caráter laico do Estado brasileiro, assentando o poder institucional sob os preceitos liberais e modernos. De caráter apologético e militante, a Restauração Católica tinha por objetivos reafirmar a presença da Igreja na sociedade, superar o laicismo, conter o protestantismo, fortalecer o ensino da doutrina católica e manter a ordem frente às mudanças sociais. “Todos esses objetivos eram almejados a partir da busca pela formação de elites católicas capazes de colaborar e se fazerem presentes no Estado brasileiro.” (OLIVEIRA, 2010, p. 13)

Uma das estratégias de difusão das ideias da Restauração Católica e de seu discurso conservador em Minas Gerais foi a imprensa religiosa ou confessional, através da fundação d’*O Horizonte* no ano de 1923, periódico oficial da recém criada Arquidiocese de Belo Horizonte. Segundo Oliveira (2010),

O [referido] periódico, ainda nascido na primeira fase da imprensa na capital mineira, aparentava feições modestas, com mais artigos do que noticiários. Adotando uma linha declaradamente católica, o jornal era marcado pelo seu teor combativo presente nos textos doutrinários. (p. 18)

¹ As fontes, bem como parcela das referências utilizadas no presente artigo, foram coletadas e trabalhadas em pesquisa de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas, defendida em fevereiro de 2013 e que obteve o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Graduado (bacharelado e licenciatura) em História e Mestre em Ciências Sociais, ambos pela PUC-Minas. Professor Assistente do Departamento de História da PUC-Minas. Contatos: mvclage@gmail.com / (31) 9684-2305.

³ Em referência ao lema do pontificado de Pio XI (1922-1939), “Restaurar todas as coisas em Cristo” (OLIVEIRA, 2010).

Entre os anos de 1925 e 1926, apesar de um editorial ainda marcadamente doutrinário e católico, *O Horizonte* já demonstrava o interesse da Arquidiocese belo-horizontina em modificar a estrutura e distribuição interna dos conteúdos, cada vez mais diversificados. Tal transformação coincide com aquela apresentada por Oliveira (2010) para a imprensa belo-horizontina de uma maneira geral, a partir da criação do *Correio Mineiro* em 1926, quando claramente os periódicos passaram a se organizar como empreendimentos econômicos. Para De Luca (2005), esse processo pode ser descrito pela ideia de profissionalização do jornal diário, orientando-se pela busca da produtividade e do lucro. As tradicionais reportagens, entrevistas e artigos políticos passaram a conviver com seções especializadas de esportes, vida social e cultural, crítica literária, com o objetivo de “[...] atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos novos grupos letrados.” (DE LUCA, 2005, p. 138)

Como demonstra Souza (2013), as novas características assumidas pel’*O Horizonte* possibilitaram essa profissionalização do jornalismo católico arquidiocesano, a ponto deste ser substituído em 1935 por um novo periódico denominado *O Diário*, também conhecido popularmente como *Diário Católico*. A proposta desse novo jornal impresso era justamente “[utilizar] informações que iam além dos interesses panfletários dos católicos [...] [mas] que, em duas colunas [...] se fizesse sentir o pensamento da Igreja.” (SOUZA, p. 10, 2013). Além de contemplar seções especializadas, tal como *O Horizonte* já o fazia, *O Diário* introduziu, com maior ênfase, o uso de ilustrações, inovação editorial essencial para se ampliar o número de consumidores em um país com “rarefeito público leitor” (DE LUCA, 2005).

Diante disso, podemos dizer, em consonância com Souza (2013), que os anos finais d’*O Horizonte* representaram um período de adaptação da imprensa católica belo-horizontina no sentido de sua profissionalização. A publicação diária de novos conteúdos por esse jornal, com destaque para as seções policial, política, sociocultural e esportiva – nesse último caso, sobretudo a programação dos jogos de futebol dos clubes de Belo Horizonte – tinha por interesse ampliar seu público leitor que, interessados nessas notícias, eventualmente entraria em contato com o discurso conservador católico presente em todo o jornal, mas com maior destaque em sua capa. Tal hipótese pauta-se na ideia de que as seções especializadas também não eram noticiários imparciais e objetivos, em especial no que concerne à coluna *Pelos*

*Esportes*⁴, nome atribuído à seção esportiva d'*O Horizonte*, que aqui será analisada entre os anos de 1931 e 1932.

Para desenvolver a presente análise, utilizamos dos pressupostos metodológicos apresentados por De Luca (2005), que destaca a importância de se problematizar a imprensa como fonte histórica à luz das motivações da publicação dos fatos jornalísticos e de seu formato de apresentação, atentando-se para aspectos semânticos, semióticos e de sua localização dentro do jornal. Parafraseando a autora:

[...] a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da **análise do discurso** que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. (p. 139 – Grifos do Original)

Considerando a dimensão motivacional d'*O Horizonte*, as notícias sobre esportes, sobretudo a modalidade do futebol, cujas informações cobriam boa parte da coluna *Pelos Esportes*, quando não sua totalidade, atendiam a um interesse da própria população belo-horizontina daquele contexto. Seguindo uma dinâmica particular regional, sem, contudo, deixar de ser influenciado por centros urbanos consolidados do país – como o Rio de Janeiro (SANTOS, 2010), então capital da República, e a cidade de São Paulo (SILVA, 2000) – o futebol belo-horizontino vivenciou, a partir de meados da década de 1920, uma transformação dos seus públicos consumidor (SOUZA NETO, 2010) e praticante (LAGE, 2013), caracterizada pela inserção de camadas sociais menos abastadas.

Primeira modalidade esportiva a se consolidar na capital mineira, o futebol se caracterizou, em seus primeiros anos (1904 a 1921), como um campo predominantemente composto por membros da elite socioeconômica local que utilizava de vários mecanismos institucionais e simbólicos para monopolizar a prática e o consumo dessa atividade física (RIBEIRO, 2007). Uma das estratégias adotadas nesse sentido foi o estabelecimento de

⁴ A partir do ano de 1926 *O Horizonte* começou a veicular, com maior recorrência, embora sem uma periodicidade definida, informações sobre o futebol através de uma breve nota intitulada *Resistencia physica no jogo de foot-ball*. Com pequeno destaque na página 3, de um total de 4 páginas do jornal, a nota trazia uma livre interpretação do jogo de futebol, como apontamentos sobre suas regras ou textos opinativos sobre desempenhos futebolísticos, sem contudo, mencionar nome dos clubes e das competições existentes na cidade. Em 1928 diariamente *O Horizonte* passou publicar a coluna *Pelos Sports* em sua última página (4), com destaque considerável, apresentando resultado dos jogos de futebol dos clubes de Belo Horizonte, diversificando paulatinamente as informações para outras modalidades esportivas e para textos opinativos. Em meados de 1931, a coluna alterou sua grafia para *Pelos Esportes*, permanecendo assim até o ano de 1934, quando então *O Horizonte* foi extinto.

regulamento amadorista da prática desportiva pelas entidades dirigentes, que definiam critérios implícitos e, em algumas ocasiões, explícitos de proibição de participação de trabalhadores e desempregados pobres nos jogos oficiais de futebol (LAGE, 2013). Entretanto, esse panorama começa a se alterar justamente na década de 1920, quando a população belo-horizontina passa a atribuir ao futebol novos significados sociais, configurando-o em um fenômeno cultural urbano de massas relacionado à construção de identidade social por parte dos espectadores, origem das torcidas e torcedores, das rivalidades clubísticas e dos conflitos físicos e simbólicos entre os adeptos dos clubes (SOUZA NETO, 2010).

Corroborando esse cenário de popularização do futebol, *O Horizonte* inseria em sua linha editorial a coluna *Pelos Esportes*, trazendo as principais notícias e informações do universo esportivo e, principalmente futebolístico de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo em que divulgava disputas desportivas, chamadas de treinos e demais informações de utilidade pública para os adeptos do “mundo esportivo” da cidade, o jornal não perdia “[...] seu caráter opinativo e de intervenção na vida pública.” (DE LUCA, 2005, p. 137) Exemplo nesse sentido foi o artigo publicado em 18 de fevereiro de 1931 que, evidenciava que a seção esportiva era um “mal necessário” para um órgão oficial impresso da Arquidiocese local:

Regras do sport

Hoje todos os jornaes⁵ têm uma secção especial sobre este divertimento. Nós catholicos, devemos saber que atitude conservar deante deste problema. Reproduzimos as regras geraes esportivas dum medico consciencioso:

1º - O sport não deve banir o espirito, especialmente o sentimento religioso, porque, acima do corpo e de suas necessidades, está o espirito que aspira pelas alturas celestes. O sport não deve afastar de modo nenhum, do cumprimento dos deveres religiosos.

2º - O sport não deve corromper os bons costumes.

3º - O sport não deve prejudicar ou estorvar os trabalhos da profissão, i, é, e (*sic*) sportman não se deve tornar escravo do jogo.

4º - O sport não deve minar a saude do corpo.

5º - O sport não deve prejudicar a familia.

Estas regras deviam escrever-se em nossos campos de football e jockey-clubs, para que, todo o que entrasse ou sahisse, as lêsse e observasse. Assim não faltaria a bençam do alto. (REGRAS..., 1931, p. 4)

A popularidade do esporte, com destaque para o futebol e o turfe, este praticado nos “jockey-clubs”, é descrita como sendo um “problema” que exigia uma “atitude” ou um conjunto de “regras geraes” específicas a serem adotadas pelos “catholicos”. O esporte, também tratado como sinônimo de “jogo”, era denunciado como potencialmente prejudicial

⁵ Mantivemos a grafia original dos jornais consultados e aqui citados que seguia então a ortografia adotada àquela época.

ao trabalho e escravizador do homem. Por isso, as normas de conduta defendidas para os adeptos do esporte abordavam questões de ordem moral como “os bons costumes” e “a família”, bem como os “deveres religiosos”, que estariam pretensamente ameaçados pela prática e assistência desportiva.

As preocupações de “um medico consciencioso” endossadas pel’*O Horizonte* demonstram que o conservadorismo católico se arvorava em vários aspectos da vida social. O esporte, como uma prática social caracteristicamente moderna (COUTO, 2003), pautado na educação física e de higienização social para progresso humano, era claramente submetido à doutrina católica pel’*O Horizonte*, pois, “acima do corpo e de suas necessidades, está o espirito”.

Tais orientações espirituais sustentadas pel’*O Horizonte* eram preponderantes, mas não hegemônicas, no que se refere à normatização da conduta dos desportistas belo-horizontinos, demonstrando que o conservadorismo católico não era apenas uma orientação religiosa, mas também social e política. Recorrentemente, as notas veiculadas sobre os jogos de futebol e eventos sociais, como o caso das celebrações promovidas pelos clubes de futebol da cidade, caracterizavam seus participantes e defendiam o uso desse universo a partir de atributos sociais elitistas, como “estilos de vida” diferenciados.

Para Bourdieu (2008), o gosto, base da “estilização da vida social”, é um modo simbólico de se disputar e legitimar cotidianamente as classificações e os distanciamentos sociais. Em outras palavras, as posições no “espaço social” e os sistemas de disposições – *habitus* – das classes ou frações de classe estão relacionados diretamente com as distinções operadas das coisas ou dos “gostos”. É por intermédio dessas distinções que “(...) exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas.” (BOURDIEU, 2008, p. 13)

A forma como *O Horizonte* divulgava, por exemplo, o aniversário de duas das principais agremiações da capital mineira – *America Football Club* e *Club Athletico Mineiro* – evidenciava a posição no “espaço social” defendida para aqueles participantes dos referidos clubes sociais. A mais extensa e principal notícia da coluna *Pelos Esportes* do dia 2 de maio de 1931 homenageava o décimo-nono aniversário do *America*, aqui reproduzida parcialmente:

Mais um aniversario do America F.C.

O America Foot-Ball Club commemorou, ante-hontem, o decimo nono anniversario de sua fundação.

É indispensavel recordemos aqui mesmo em linhas succintas, as multiplas victorias do America, porque toda Minas esportiva seguiu com interesse e applauso o seu caminho percorrido, durante esses dezenove annos de vida.

Aggremação que tem cooperado grandemente pelo progresso physico da nossa mocidade, ao America, pela voz do seu passado, está reservado um futuro grandiloquo, que muito honrará a nossa tradição esportiva.

Dirigido, desde o seu primeiro dia, por pessoas de destaque em os nossos meios esportivos e sociaes, o America tem distinguido o nome de Minas Geraes, tornando-o conhecido em todo o paiz.

A sua praça de esportes, á avenida Araguaya, é uma das melhores do Brasil, tendo todas as exigências da vida hodierna. **O seu quadro social, seleccionado e bem organizado, é composto de elementos da melhor sociedade bellorizontina.**

A sua séde, á rua da Bahia, luxuosamente installada, está á altura de **offerecer aos associados todos os divertimentos lícitos.**

[...] (MAIS..., 1931, p. 4 – Grifos do autor)

A referida agremiação era, à época, a maior vitoriosa das competições futebolísticas locais, tendo se sagrado campeã por dez vezes consecutivas entre os anos de 1916 e 1925; mas que, desde então, não havia conseguido reconquistar o título do futebol belo-horizontino. As “multiplas victorias do America” nesses dezenove anos de existência, entretanto, não se reduziām aos resultados produzidos nas competições esportivas da cidade, tal como a homenagem evidenciava. O primeiro ponto ressaltado pel’*O Horizonte* sobre a atuação do *America* referia-se ao papel educacional do esporte, expresso na ideia de “progresso physico” da “mocidade” belo-horizontina. Dimensão esta que pode ser tratada a partir da formulação de Bourdieu (1983) sobre a origem dos esportes modernos nas *public schools* britânicas, que os caracterizou como uma estratégia “educacional”, de controle corporal e de preparação das lideranças da nação, essencialmente como uma prática de elitização do modo de vida. Destaca-se ainda que o clube era digno de homenagem do jornal católico porque oferecia a seus associados “todos os divertimentos lícitos”, contribuindo para reforçar a dimensão moral e espiritual que o esporte deveria assumir naquela sociedade.

Para além da dimensão simbólica, a distinção social esboçada nessa notícia encontra-se explícita quando *O Horizonte* apresentava a estrutura física da sede social do *America* como sendo luxuosa ou que sua praça de esportes era “uma das melhores do Brasil”, feitos que demandavam recursos financeiros. Todo esse conjunto de situações que reservavam um “futuro grandiloquo” ao *America* e faziam a sociedade acompanhar sua trajetória “com interesse e applauso” se relacionava também aos atributos sociais de seus dirigentes “pessoas de destaque em os nossos meios esportivos e sociaes” e de seu “quadro social, seleccionado e bem organizado, [...] [e] composto de elementos da melhor sociedade bellorizontina”. Para

reforçar a classificação social dos participantes da vida social *americana*⁶, a notícia era concluída com a relação completa da “actual directoria” do clube.

Embora com menor destaque na coluna *Pelos Esportes*, a homenagem prestada ao aniversário do *Athletico* enfatizava atributos sociais de seu “quadro social”, que podia “ser comparado com os dos grandes clubes do Rio” e a modernidade de “sua praça de esportes” e de seu “magnifico ‘stadium’” de futebol, como pode ser observado no trecho a seguir:

O 23º ANNIVERSARIO DO ATHLETICO

O Club Athletico Mineiro entra hoje no seu vigesimo terceiro anno de vida.

Vinte e tres anos apenas e o Club Athletico Mineiro é hoje considerado uma das melhores aggremações esportivas de Minas Gerais. [...]

Assim, podemos dizer que elle cresceu depressa, depressa se fez homem, e depressa se tornou conhecido não só no territorio mineiro, mas tambem pelo estrangeiro, onde vae a sua fama. **O seu quadro de futebol, composto quasi só por universitarios**, tem dado ao seleccionado mineiro muitos elementos, que por si só orgulham os nossos meios esportivos. A sua praça de esportes, o magnifico “stadium Antonio Carlos”, é uma das mais completas do paiz, tendo todas as exigencias da vida moderna.

O seu quadro social, numeroso e bem organizado, pode ser comparado com os dos grandes clubes do Rio. [...] (O 23º..., 1931, p. 4 – Grifos do autor)

Os aspectos acima mencionados não esgotam a relevância do discurso formulado em homenagem prestada ao vigésimo terceiro aniversário do *Athetico* pel’*O Horizonte*. A origem social de seu time de futebol orgulhava “os nossos meios esportivos” por ser “composto quasi só por universitarios”, evidenciando quais atributos sociais deveriam ser louváveis para um futebolista daquele contexto.

Recordemos que o futebol belo-horizontino adentrara a década de 1930 em pleno processo de transformação de seu significado social, tanto por parte de seus consumidores quanto praticantes. A identidade social relacionada a uma agremiação futebolística, consagrada nas ciências humanas pelo conceito de “pertencimento clubístico” (SOUZA NETA, 2010), possibilitou a formatação de uma indústria privada do espetáculo esportivo que, além de atender a um contingente cada vez maior de espectadores oriundos de diversas camadas sociais, conforme anteriormente exposto, trouxe implicações na organização dos clubes e na formação dos jogadores.

Mesmo diante da persistência da regulamentação amadora para a prática do futebol, caracterizada como essencialmente aristocrática,

⁶ Aqui referente aos adeptos, sócios e torcedores do *America*.

Os clubes passaram [...] a se organizar no sentido de ofertarem melhores produtos, aumentando suas receitas através de estratégias diversas, como, por exemplo, a expansão dos Estádios, a promoção de eventos sociais e a campanha para conseguir novos associados. Em síntese, objetivavam tornar seus produtos mais atraentes para os potenciais consumidores, que se constituíam em torcedores fiéis a ‘seus’ clubes, ávidos por resultados cada vez mais expressivos no ‘campo futebolístico’. Para tanto, montar uma equipe com jogadores de destacada qualidade técnica que dispunham de condições adequadas para se aprimorarem física e tecnicamente passou a ser um aspecto central. Nesse sentido é que podemos compreender a paulatina conformação da profissão do jogador de futebol, uma vez que os atletas passaram a ter condições de praticar tal esporte em alto nível, sendo, portanto, pagos e/ou gratificados por isso e cobrados quanto aos resultados. (LAGE, 2013, p. 99-100)

Essa conjuntura pode ser considerada, portanto, como de transição para o futebol belo-horizontino, e também de alguns outros centros urbanos brasileiros, como o caso carioca e paulista. Frente à persistência legal do amadorismo esportivo, expressa no estatuto da Liga Mineira de Desportos Terrestres – LMDT, então entidade gestora dos esportes na capital mineira, os principais clubes de futebol a ela filiados praticavam uma espécie de profissionalismo velado, consagrado à época pela expressão “amadorismo marrom”. Os dirigentes desportivos, ansiosos por prestígio social, expresso em vitórias e conquistas de seus clubes, procuravam garantir maior tempo de dedicação à prática futebolística a seus jogadores, mesmo que para isso, estes tivessem que trabalhar ou estudar menos e serem recompensados financeira ou materialmente pela função social de jogadores de futebol.

Se, em seus primeiros momentos, a simples prática do esporte, e, nesse caso, do futebol, era emuladora de “status” social, no contexto do amadorismo marrom, o resultado obtido na disputa desportiva assumia esse papel preponderante, o que ocorria de forma paulatina e não sem tensões sociais, como é de se esperar em um contexto de transição. É nesse sentido que podemos analisar a caracterização que *O Horizonte* faz do time de futebol do *Athletico*, “composto quasi só por universitários” como um resquício dos atributos sociais dos futebolistas amadores, oriundos das camadas sociais abastadas e privilegiadas de Belo Horizonte, no caso os letrados ou universitários.

Há pouco mais de um ano antes da regulamentação do futebol profissional belo-horizontino, *O Horizonte* ainda defendia essa percepção social elitista e amadorista acerca dos jogadores de futebol, como pode ser visto na divulgação do amistoso entre *America* e *Athletic Club* da cidade mineira de São João Del-Rei:

O America F. C., tradicional sociedade esportiva de Minas, convidou o Athletic [...] **Os rapazes** que o America teve a felicidade de convidar, **são desportistas e cavalheiros**, aumentando, portanto, o desejo de applaudil-os. O nosso mundo

esportivo, certamente, não faltará ao estadio do glorioso ‘déca’ e não regateará aplausos a quem fizer jus. (AMERICA..., 1932, p. 4)

Na ocasião, os jogadores do *Athletic* seriam apresentados como “desportistas e cavalheiros”, conjugando-se, a um só tempo, a modernidade da prática atlética com o título nobiliárquico e aristocrático. *O Horizonte*, por meio da coluna *Pelos Esportes*, explicitava assim a relação entre a prática futebolística e a posição social de seus praticantes. A presença de nobres “rapazes” em Belo Horizonte se daria graças à “felicidade” do convite feito pelo *America*, clube “tradicional”, “glorioso ‘déca’”⁷, em outra oportunidade também nomeado como “gloriosa ‘família americana’” (O AMERICA..., 1931, p.4). Em um confronto tão nobre e distinto socialmente, o “mundo esportivo, certamente, não [faltaria]”, tampouco deixaria de aplaudir, contrapondo assim a popularidade do espetáculo futebolístico na capital mineira com sua pretensa prática elitista.

Recordemos aqui que, segundo Oliveira (2010), o conservadorismo católico, base da linha editorial d’*O Horizonte*, era defensor da manutenção da ordem social frente às transformações estruturais da sociedade. Nesse sentido, seria possível afirmar que todo esse discurso que caracterizava a prática do futebol como monopólio de uma elite socioeconômica belo-horizontina corresponderia à reação do conservadorismo católico ao momento de transição social dessa modalidade esportiva?

As análises de trechos da coluna *Pelos Esportes* até aqui empreendidas buscaram afirmar positivamente essa relação. Entretanto, contrapondo *O Horizonte* com a seção esportiva do *Estado de Minas*⁸, um dos principais periódicos belo-horizontinos daquele contexto, notamos que os mesmos atributos sociais e características de distinção social eram utilizados para se noticiar os eventos sociais e desportivos dos principais clubes de futebol da cidade, com destaque para *America* e *Athletico*. Assim como visto para o caso d’*O Horizonte*, tais aspectos eram mais relevantes quando noticiados celebrações ou eventos culturais promovidos por esses clubes, como, por exemplo, a repercussão que o *Estado de Minas* trazia da festa de “Reveillon” do *America* no ano de 1931:

Uma das melhores **soirées dansantes** que já se realizaram na Capital
[...] Viveu a família americana uma das suas horas de maior alegria, com o salão ricamente ornamentado e cheio **do que ha de mais selecto na sociedade bellorizontina**. (UMA DAS..., 1931, p. 6 – Grifos do autor)

⁷ ‘Déca’ em alusão ao deca campeonato belo-horizontino conquistado entre 1916 e 1925 pelo *America*, como anteriormente destacado.

⁸ Seção intitulada *Furos – Novidades – Boatos – Tudo que ha sobre sport*.

Já na chamada da notícia vemos, de forma implícita, um elemento de distinção social através da expressão *soirées dansantes*. Em uma sociedade com “rarefeito público leitor” era de se imaginar que ainda um círculo mais restrito de pessoas compreendesse o francês e soubesse que a festa “Reveillon” se tratava da comemoração de ano novo promovida pelo *America*, com uma “noite de dança” (“soirées dansantes”). Em outras palavras, o evento só teria sentido para quem soubesse decodificá-lo. A caracterização dos participantes do evento, por sua vez, reforçava tal perspectiva, na medida em que se explicitava que estes eram oriundos de camadas *selectas* da sociedade belo-horizontina; lembrando que o aspecto seletivo do quadro social de um clube de futebol local também havia sido salientado pelo *O Horizonte* quando da homenagem ao vigésimo segundo aniversário do *Athletico* (o 23º..., 1931).

As colunas de Andrade de Souza expressavam com maior ênfase ainda a posição social pleiteada por esses atores na sociedade belo-horizontina. Em fevereiro de 1931, a sua coluna na seção de esportes do *Estado de Minas* apresentava “As grandes iniciativas do America F.C.”, título este justificado, em grande medida, pelas características dos eventos socioculturais a serem promovidos pelo clube:

Como **nota chique** da parte social, é pensamento da directoria offerecer às quintas-feiras, á tarde, um chá ás famílias de seus associados, sendo permitido dansar-se durante o tempo estabelecido para o decurso desse convescote.

Havera tambem todos os mezes a tarde musical, chefiada pelo conselheiro maextro Pedro de Castro, que é uma segura garantia para o completo exito ‘**e tão fina e delicada idéia dos dirigentes americanos**’.

Da mesma maneira, mensalmente, **os amantes da boa literatura** serão agraciados com palestras e conferencias ditas por pessoas de destaque nas letras patrias e, segundo ouvi dizer, abrirá a serie das noites literárias o **fino estilista Bastos Tigre**. (AS GRANDES..., 1931, p.6 – Grifos do autor)

A “estilização da vida” presente nesses eventos é nítida, como o fato de ser “chique”, “fino”, “delicado” participar de chás dançantes, tardes musicais e noites literárias com um “fino estilista”. Mas, assim como nos apresentava *O Horizonte*, esses atributos sociais não estavam restritos apenas aos participantes de eventos socioculturais, mas também na caracterização dos praticantes de futebol, como por exemplo, na apresentação do jogo amistoso entre *Athletico* e *America* em janeiro de 1931.

Athletico e *America* proporcionarão, hoje, ao mundo sportivo da capital, uma **partida empolgante e cavalheiresca**

Mais algumas horas e **os apreciadores do foot-ball – que são tantos em Bello Horizonte** – terão oportunidade de assistir a uma partida cheia de emoções, e que deverá ser **disputada debaixo das normas do mais perfeito cavalheirismo**.

[...]

O CLUB VENCEDOR TERÁ UMA REDUÇÃO DE PREÇOS PARA O ESPETACULO DE HOJE NO MUNICIPAL

Porém, **o que vae caracterizar, mais significativamente, o encontro de amanhã, é a cordialidade**, que aliás sempre preponderou nas relações entre diretores e jogadores dos dois clubs, **não se resentindo, em absoluto, por effeito de raras divergencias entre torcedores exaltados**. (ATLHETICO..., 1931, p. 6 – Grifos do autor)

Aqui, como n’*O Horizonte* (AMERICA..., 1932, p. 4), o título nobiliárquico de “cavalheiro” caracterizava não só o embate, como também seus praticantes. Entretanto, o cavalheirismo e a cordialidade dos jogadores, comportamentos distintos socialmente, se contrastavam com àqueles atribuídos ao público espectador, caracterizados como “exaltados”, “resentidos”, possibilitando a interpretação de que o caráter popular das arquibancadas era sinônimo de ausência de regras ou “bom” comportamento. Assim, fica evidente a aproximação do discurso do *Estado de Minas* com o d’*O Horizonte* (AMERICA..., 1932) que polarizava a prática elitista do futebol e de seus espectadores populares, que eram “tantos em Bello Horizonte”.

A premiação também é digna de nota. A máxima “o importante é competir” pode ser percebida quando o jornal dizia que os descontos no ingresso de um espetáculo do Teatro Municipal não seria preponderante para os jogadores, mas sim a “cordialidade”. Além disso, qual tipo de jogador poderia se sentir premiado com “uma redução de preços para o espetaculo [...] no municipal”? Provavelmente os estudantes, letrados, educados na arte teatral, enfim, a elite socioeconômica da capital.

Comparando assim as seções de esportes d’*O Horizonte* com do *Estado de Minas*, notamos que havia certa semelhança entre o discurso de apresentação da prática futebolística e de caracterização social dos participantes de eventos socioculturais dos clubes de futebol de Belo Horizonte. Em ambos os casos, os futebolistas ou integrantes dos “quadros sociais” dos clubes eram retratados, predominantemente, como membros da elite socioeconômica da cidade, em contraposição aos espectadores das partidas de futebol, descritos como numerosos e com modos de vida distintos daqueles primeiros. Como sustentado ao longo do texto, especificamente para o contexto aqui analisado, de transição de significado social e de popularização da prática e consumo do futebol, a dicotomia dos atributos sociais dos praticantes e sócios dos clubes *versus* espectadores das partidas de futebol evidenciados nesses periódicos podem ser compreendidas pela teoria bourdieuana (2008) de distinção social. Ou seja, praticar amadoristicamente futebol, mesmo que de forma velada, e frequentar o clube social e seus eventos culturais proporcionariam “lucros de distinção” a determinados

grupos sociais, em um momento que assistir aos jogos de futebol já se constituía uma prática irrestrita socialmente.

Por fim, cabe ressaltar que o conteúdo das notícias relacionadas ao universo futebolístico e a forma como essas eram divulgadas não se tratavam de um discurso utilizado apenas pelo jornalismo católico, mas também por outros meios de comunicação, como era o caso do jornal laico *Estado de Minas*. Entretanto, isso não significa o mesmo que negar a existência da relação entre o conservadorismo católico e o discurso que caracterizava os futebolistas e os sócios dos clubes de futebol como distintos socialmente e membros de uma elite local, uma vez que tais características discursivas utilizadas e evidenciadas nas notícias d'*O Horizonte* para o campo do futebol corroboram alguns dos princípios básicos desse conservadorismo católico.

Referências

AMERICA x Athletic. **O Horizonte**, Belo Horizonte, n. 842, ano XI, 20 jan. 1932, p. 4.

AS GRANDES iniciativas do America F.C.. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, n. 900, ano IV, 01 fev. 1931, p. 6.

ATLHETICO e America proporcionarão, hoje, ao mundo sportivo da capital, uma partida empolgante e cavalheiresca. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, n. 893, ano IV, 25 jan. 1931, p. 6.

BOURDIEU, Pierre. Como É Possível Ser Esportivo. In.: **Questões de sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. – Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983, p. 136-153.

BOURDIEU, Pierre. Introdução. In.: **A Distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. – São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008, p. 9-14.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)**. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. **“Deixem em paz os nossos cracks”**: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MAIS um aniversario do America F.C.. **O Horizonte**, Belo Horizonte, n. 769, ano IX, 02 maio 1931, p. 4.

O 23º Anniversario do Athletico. **O Horizonte**, Belo Horizonte, n. 762, ano VIII, 28 mar. 1931, p. 4.

O AMERICA é o unico invicto. **O Horizonte**, Belo Horizonte, n. 781, ano IX, 20 jun. 1931, p. 4.

OLIVEIRA, Ramiro Barboza de. Introdução. In.: **O conservadorismo católico na imprensa de Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930** – os jornais *O Horizonte* e *O Diário* (1923-1937). 2010. 270 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São João Del’Rei, Departamento de Ciências Sociais, São João Del-Rei, MG.

REGRAS do sport. **O Horizonte**, Belo Horizonte, n. 751, ano VIII, 18 fev. 1931, p. 4.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A Bola em Meio a Ruas Alinhadas e a Uma Poeira Infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, jul./dez. 2005, p. 305-322.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Econômica, São Paulo.

SILVA, Eliazar João da. **Bola na Rede - O Futebol Em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização**. 2000. 303 f. Dissertação (Mestrado em História). UNESP – Assis, São Paulo.

SOUZA, Eduardo Alves de. O bom soldado de Cristo. In.: Simpósio Internacional Filosófico-Teológico – FAJE, 9, 2013, Belo Horizonte, MG; e Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião – PUC Minas Secularização, religião e sociedade, 5, 2013, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia; PUC Minas Coração Eucarístico – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 2013. Disponível em: <http://www.faculdadejesuita.edu.br/9simposio/textos/nao_doutores/eduardo_souza.pdf> Acesso em: 11 dez. 2013.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A Invenção Do Torcer Em Bello Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais. Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação, Belo Horizonte.

UMA DAS melhores soirées dansantes que já se realizaram na Capital. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, n. 872, ano IV, 02 jan. 1931, p. 6.